

Do ensino médio para a universidade: reflexões de estudantes com deficiência no projeto “PPNE vai à escola”

From high school to university: reflections of students with disabilities in the project “PPNE goes to school”

Thaís Kristosch Imperatori, Universidade de Brasília (UnB)

Lídia Costa de Alencar, Universidade de Brasília (UnB)

Natasha Freire de Sousa Bezerra, Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO O Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais da Universidade de Brasília (PPNE/UnB) tem o objetivo de estabelecer uma política permanente de atenção aos estudantes com deficiência na UnB e sua integração à vida universitária. Considerando que o ingresso de alunos com deficiência ainda é um desafio no âmbito da educação superior, em 2015, foi realizado o projeto “PPNE vai à escola”. Este projeto teve a finalidade de proporcionar um espaço de diálogo com estudantes com deficiência de ensino médio sobre a continuidade de sua trajetória acadêmica na educação superior, compreendendo os significados que a universidade tem para esse público. O projeto foi realizado com estudantes da sala de recursos do Centro de Ensino Médio 01 do Paranoá. A metodologia foi construída a partir de observação participante por meio de visitas semanais à escola e participação nas atividades desenvolvidas na sala de recursos, além de entrevistas semiestruturadas com os estudantes sobre o que eles entendem por universidade e quais são suas expectativas acadêmicas e profissionais após a conclusão do ensino médio. O projeto foi encerrado com uma visita guiada pelo *campus* Darcy Ribeiro da UnB. Observou-se que a maioria dos alunos afirmou que deseja continuar estudando após o término da escola, porém, diversas são suas dúvidas sobre o que é a universidade, com destaque para a forma de ingresso e a dedicação necessária para os estudos.

PALAVRAS-CHAVE: universidade; estudantes com deficiência; ensino médio

ABSTRACT The Program of Support to People with Special Needs of the University of Brasília (PPNE/UnB) aims to establish a permanent policy of attention to students with disabilities in UnB and its integration into university life. Considering that the admission of students with disabilities is still a challenge in higher education, in 2015 the project “PPNE goes to school” was carried out. This project had a purpose of a space for dialogue with students with disability in high school on a continuity of their academic trajectory in higher education, understanding the meanings that the university has for this public. The project was performed with students of the Paranoá high school 01. The methodology has constructed from participant observation through weekly visits to the

school and participation in the activities developed in the resource room, in addition to semi-structured interviews with students about what they understand about the university and what are their academic and professional expectations after completion of secondary school. The project has closed with a guided tour of the UnB Darcy Ribeiro campus. It has been observed that most students state that they wish to continue studying after finishing school, however, there are several doubts about what a university is, especially the way of entry and the dedication required to study.

KEYWORDS: university; students with disabilities; high school

Introdução

A inclusão de estudantes com deficiência é um desafio para todo o sistema educacional e exige adequações nos espaços físicos, na comunicação e nas relações estabelecidas entre estudantes, professores e comunidade acadêmica. Incluir não significa apenas inserir uma pessoa com deficiência na instituição escolar. É necessário organizar e implementar respostas que atendam às demandas pedagógicas do educando e que garantam acessibilidade física e arquitetônica, tecnológica, atitudinal e de comunicação.

Na educação superior, a inclusão de estudantes com deficiência tem demanda de ações ainda mais complexas. É necessário efetivar a inclusão desde a realização de processos seletivos que considerem as especificidades dos candidatos à educação superior, até as adaptações curriculares e as avaliações de acordo com cada deficiência, tendo como finalidade a formação acadêmica e profissional desses alunos. Nesse sentido, trata-se de planejar ações que contemplem seu ingresso, permanência e diplomação na universidade.

Visando dar respostas a essa realidade, em 1999, foi criado o Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais da Universidade de Brasília (PPNE/UnB), após diversas discussões sobre o ingresso e as condições de permanência dos estudantes com deficiências na instituição (SOUZA; SOARES; EVANGELISTA, 2003; VIEIRA; IMPERATORI; RODRIGUES, 2010). O objetivo do Programa é estabelecer uma política permanente de atenção a esse segmento na UnB e assegurar sua plena integração à vida universitária, conforme dispõe a Resolução CEPE nº 048, de 12/9/2003, que trata dos direitos acadêmicos de alunos regulares de graduação e pós-graduação com deficiências da instituição. As atividades desenvolvidas pelo PPNE visam propiciar e garantir condições para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes por meio da consolidação de uma rede de apoio da Universidade e da garantia de uma prática cidadã na comunidade universitária em todos os seus *campi*.

O presente artigo apresenta o relato de experiência e as reflexões proporcionadas pelo projeto de extensão “PPNE vai à escola”, desenvolvido entre os meses de agosto e novembro de 2015 na sala de recursos do Centro de Ensino Médio 01 (CEM 01) do Paranoá com o total de 15 estudantes com deficiência. O CEM 01 é uma escola pública inserida na rede da Secretaria de Estado de Educação do Governo do Distrito Federal e está localizada em uma região administrativa periférica de Brasília. Segundo pesquisa publicada pela

CODEPLAN (2013) sobre o perfil das pessoas com deficiência no DF, 20,64% dos moradores das regiões do Paranoá e Jardim Botânico possuem deficiência, totalizando 9.560 pessoas¹.

O projeto foi desenvolvido após ser selecionado no Edital 05/2015 do Decanato de Ensino de Graduação (DEG) da UnB destinado a Programas de Fomento para Projetos de Aprendizagem e Inovação Social no Paranoá/Itapoã e foram concedidas duas bolsas para estudantes de graduação para sua execução. Esse edital contemplou projetos na área de Aprendizagem e Inovação Social com a finalidade fomentar a integração da práxis na formação dos estudantes da UnB pela vivência e aprendizagem na resolução de problemas sociais concretos no contexto territorial do Paranoá e Itapoã em disciplinas de graduação.

O objetivo geral do projeto “PPNE vai à escola” foi proporcionar um espaço de diálogo com estudantes com deficiência de ensino médio sobre a continuidade de sua trajetória acadêmica na educação superior, compreendendo os significados que a universidade tem para esse público. O presente projeto também visou dar visibilidade ao PPNE entre esses alunos, bem como às ações realizadas na universidade e seus direitos acadêmicos.

Para tanto, estabelecemos as seguintes questões orientadoras: Quais as expectativas dos estudantes com deficiência após o término do ensino médio? Eles têm interesse em continuar seus estudos na educação superior? Eles conhecem a Universidade de Brasília? Eles sabem que existem estudantes com deficiência em diversos cursos de graduação e pós-graduação na Universidade? Eles sabem quais são as formas de ingresso na instituição?

Para tanto, entendemos que o período do ensino médio é repleto de dúvidas sobre quais serão os rumos após a conclusão dessa etapa educacional. Para os estudantes com deficiência há questionamentos mais densos, inclusive sobre suas capacidades e potencialidades. Nesse sentido, a relevância social do projeto enfatizou que há a possibilidade desses alunos ingressarem na universidade e darem continuidade aos seus estudos na educação superior. Embora seu acesso seja condicionado à aprovação em processo seletivo, considera-se importante divulgar que existem alunos com deficiência em diversos cursos de graduação e pós-graduação² e que esse espaço, que historicamente excluiu e negligenciou as pessoas com deficiência, tem se ampliado e se tornado mais aberto às diversidades humanas.

Metodologia

Para a realização do projeto “PPNE vai à escola” foram realizadas visitas semanais ao CEM 01 do Paranoá e observação participante das atividades desenvolvidas na sala de recursos da escola entre os meses agosto e novembro de 2015. Essa etapa foi essencial

¹ Segundo dados do CENSO 2010, 22,23% da população do Distrito Federal possui alguma deficiência (CODEPLAN, 2013).

² Em dezembro de 2015, o PPNE tinha 206 estudantes cadastrados em diversos cursos de graduação e pós-graduação com deficiências física, visual, auditiva, intelectual, Transtornos Globais do Desenvolvimento, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Dislexia. Desde a sua criação, o Programa já atendeu 276 discentes.

para a construção de um vínculo de confiança entre os estudantes com deficiência e a equipe do projeto. Por meio do contato direto com os estudantes foi possível identificar as demandas trazidas por eles tanto em questões escolares, tais como auxílio para realização de trabalhos, deveres de casa e preparação para provas; quanto também questões socioeconômicas como dificuldades de acesso a serviços de saúde, relatos de casos de violência intrafamiliar e situações de vulnerabilidade socioeconômica.

Após essa etapa inicial, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os estudantes da sala de recursos, totalizando quinze participantes, sendo onze alunos regulares da escola e quatro egressos que continuavam frequentando o espaço mesmo após a conclusão do ensino médio. Entende-se que o roteiro parcialmente estruturado era o mais adequado para a proposta do projeto, uma vez que tem maior flexibilidade e permite que o entrevistado discorra sobre o tema sem ficar preso à indagação inicial (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Foi utilizado um roteiro de entrevista composto por três eixos: identificação do estudante, vivência escolar e compreensões sobre a universidade, o qual permitiu conhecer de maneira mais aprofundada cada estudante, suas vivências no cotidiano da escola e expectativas com o término do ensino médio, assim como seu interesse em continuar seus estudos na educação superior.

A partir dos dados obtidos nas entrevistas, foi elaborada a última atividade do projeto, que consistiu em uma visita guiada pelo *campus* Darcy Ribeiro da UnB. Nessa visita foram apresentados brevemente os cursos de graduação oferecidos pela instituição; as formas de seleção para ingresso, com destaque para o Programa de Avaliação Seriada (PAS) e o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM); e as ações desenvolvidas para atendimento dos alunos com deficiência. Também foram apresentados os projetos na área de esporte, arte e cultura da Universidade, e as ações da assistência estudantil como a moradia universitária³.

Cabe destacar que o projeto foi construído considerando questões éticas. Nesse sentido, foram explicados aos participantes os objetivos e a metodologia a ser desenvolvida durante a sua realização, bem como solicitado aos estudantes e aos seus pais e/ou familiares a autorização tanto para a realização das entrevistas quanto para a visita guiada à Universidade. A equipe do projeto esteve à disposição durante toda sua realização para prestar os esclarecimentos necessários.

A sala de recursos

A legislação brasileira em vigor tem preconizado a perspectiva da educação especial inclusiva, isto é, aquela realizada preferencialmente na rede regular de ensino para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, com o apoio de serviços especializados, de modo a atender as particularidades deste público (BRASIL, 1996). Isso significa uma ruptura com

³Após realização de reforma, a Casa do Estudante Universitário (CEU) da UnB foi reinaugurada em 2014 com a reserva de dois apartamentos adaptados para discentes com deficiência. A Resolução do Decanato de Assuntos Comunitários nº 1/2016 regulamentou o direito a acompanhante ou atendente pessoal do(a) discente com deficiência que ocupar vaga na moradia estudantil.

modelos educacionais anteriores, historicamente presentes na política de educação, na qual os alunos com deficiência ficaram segregados em escolas específicas, o que contribuiu para reforçar estigmas e preconceitos.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a educação inclusiva está situada em uma concepção de direitos humanos que conjuga igualdade e diferença no desenvolvimento dos alunos (BRASIL, 2008). Ela torna-se integrante de todo contexto educacional e transversal a todos os níveis, etapas e modalidades de ensino. Isso demanda uma mudança estrutural e cultural nas relações sociais presentes no contexto da escola, de modo que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas com respeito, dignidade e em uma perspectiva de cidadania.

Nesse contexto de atendimento aos alunos com deficiência, ganha destaque a sala de recursos destinada ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). É válido destacar que o AEE tem o papel de identificar as habilidades e necessidades dos alunos, organizar recursos de acessibilidade e realizar atividades específicas que permitam o acesso ao currículo. As atividades na sala de recursos são realizadas em turno alternado ao da classe regular (BRASIL, 2013).

Em 2015, o CEM 01 do Paranoá tinha 41 estudantes com deficiência, sendo 17 no 1º ano do ensino médio, 14 no 2º ano e 10 no último ano. A maioria, 14, possui deficiência intelectual, seguido por dez com deficiência física, quatro com baixa visão, dois com deficiência múltipla e dois com deficiência auditiva leve ou moderada⁴. Os demais possuem outras necessidades especiais como Síndrome de Asperger, Transtorno de Déficit de Atenção e Altas Habilidades.

Embora a sala de recurso ofereça atendimento a todos esses alunos, foi observado que poucos utilizam esse espaço de forma frequente e solicitam auxílio das professoras que atuam no AEE para a realização de suas atividades escolares. Cabe destacar que 4 egressos da escola continuam a frequentar a sala de recursos e participaram do projeto “PPNE vai à escola”. Nesse sentido, a sala de recursos além de tratar de questões escolares também é um importante espaço de convívio e socialização dos jovens.

Esse ambiente de convivência e interação entre alunos com deficiência foi citado nas entrevistas por alguns alunos: “A sala de recurso tem um gostinho de quero mais. Vou sentir saudade de colegas, professores. Aqui na sala de recursos tem grupo no *WhatsApp*, tem a interação social” (Estudante 7); e “A sala de recursos representa a minha vida, é onde em me sinto melhor. Tenho muitos amigos que se ajudam e torço pelos amigos, para conquistarem os seus sonhos” (Estudante 2).

Os participantes do projeto

O projeto contou com 15 participantes, sendo 11 alunos regulares do CEM I do Paranoá e quatro egressos que continuavam frequentando a sala de recursos. Dos alunos regulares, cinco estudantes têm deficiência intelectual, três deficiência física, dois

⁴ Segundo informações obtidas na escola, o menor quantitativo de discentes com deficiência auditiva e visual é resultado da falta de profissionais e materiais necessários para o atendimento desse público como intérpretes de Libras, impressora Braille, dentre outros.

deficiências múltiplas e um deficiência auditiva. Dentre os egressos que participaram do projeto, três possuem deficiência múltipla e um deficiência intelectual. Em relação ao sexo, oito eram do sexo feminino e sete do sexo masculino. Sobre a faixa etária, a maioria, 40%, tinha entre 15 a 20 anos, seguido de 33% entre 21 e 24 anos e 27% entre 25 e 30 anos.

Todos os estudantes entrevistados cursaram o ensino médio exclusivamente no CEM 01 e durante esse período sempre foram atendidos na sala de recursos. A maioria, dez, teve alguma reprovação em séries do ensino médio.

O que é Universidade ?

Quando indagados sobre “O que você deseja fazer após concluir a escola?” a maioria das respostas, oito, foi continuar estudando. Quatro estudantes responderam estudar e trabalhar e dois apenas trabalhar. Uma aluna informou que não pode nem trabalhar nem estudar devido a sua situação de saúde. Dentre os que mencionaram continuar estudando, 11 afirmaram já terem pensado em cursar alguma faculdade.

É importante observar que para todos os estudantes cursar uma faculdade é uma escolha. É o local “onde as pessoas fazem o que elas gostam, escolhe o que mais gosta e faz” (Estudante 13). Um estudante apresentou sua decisão de não fazer: “Pensei seriamente e cheguei a conclusão que não. Faculdade é muito estressante, passa a noite fazendo trabalho. Vejo pelo meu padrasto, passava as noites em claro fazendo trabalho. Rola um pouco de desânimo, mais por falta de interesse. O importante é terminar os estudos aqui na escola” (Estudante 7).

As justificativas para o ingresso em um curso superior foram variadas. Percebe-se que foi significativa a associação entre ter um diploma de faculdade, ingressar no mercado de trabalho e contribuir para a melhoria das condições de vida ou o aumento da renda familiar, conforme os seguintes trechos: “Para ter um futuro bom e ajudar a minha mãe” (Estudante 1); “Por ter um bom emprego. Hoje em dia é difícil se não estudar” (Estudante 4); “Todo mundo estuda para conseguir um trabalho depois” (Estudante 5); “Para ter mais conhecimento, base de tudo, ter mais informação, ter um bom emprego” (Estudante 9); “Acho que vai melhorar o futuro, quem sabe ser rico” (Estudante 10); “É importante para quem quer ganhar mais um pouquinho. Minha mãe e meu pai não tem faculdade” (Estudante 11).

A resposta do Estudante 2 foi interessante ao associar faculdade, escola e mercado de trabalho: “Faculdade é uma escola que ajuda os alunos a entrarem no mercado de trabalho”. Entende-se que essa associação entre educação, trabalho e aumento da renda ganha maior relevância devido à situação socioeconômica dos alunos, residentes de uma região periférica do Distrito Federal.

Diversos alunos apresentaram semelhanças entre a escola e a faculdade, como a estudante 4 que disse: “Faculdade é igual a escola, mas você vai aprofundar mais o que você quer fazer. As matérias são difíceis, dizem que na faculdade não ficam tão em cima, você vai na aula se quiser, tranca também. Tem mais responsabilidade”. O

estudante 11 apresentou com entusiasmo sua ideia de universidade: “É algo interessante, assim, para melhorar de vida, estudar uma área. É uma coisa que todo mundo tem que fazer. É uma coisa muito essencial, muito importante. Acho que deve ser muito difícil. Os professores daqui falam que na faculdade os professores davam bibliografia das matérias e tinha que estudar. Não sei se mudou o jeito. As informações dos professores é que na UnB tem que se virar”.

Por outro lado, o estudante 7 destacou as diferenças entre a escola e a faculdade: “Com a faculdade, novas portas de conhecimento vão se abrindo e também oferta de emprego futuramente. No entanto, eles têm que ralar um pouco. Universidade é diferente de escola. Claro que segue os mesmo padrões, mas a forma de estudar, explicar, é mais avançada. Eles pegam algumas coisas da escola e aprendem mais detalhado, profundo”.

Outros alunos associaram a educação superior a uma área específica do conhecimento, necessária para uma determinada formação profissional, a exemplo do estudante 6 que, ao pensar em fazer faculdade de gastronomia, explicou: “Estudam só, no caso, o que quer aprender. Não estuda outras matérias. No meu caso, tem que ter matemática para medir as coisas e não ia ter educação física”. Os cursos de interesse dos estudantes foram variados: administração, direito, psicologia, arquitetura, biologia, computação, artes cênicas, artes plásticas, música, gastronomia, educação física e pedagogia.

Embora a maioria dos estudantes tenha informado que deseja continuar estudando, observou-se que esse assunto não foi tratado com seus professores. Dez entrevistados afirmaram que nunca conversaram com seus professores sobre fazer faculdade. Dentre os que conversaram, dois relataram que o fizeram com a professora que os acompanha na sala de recurso. “Já conversei um pouquinho, mas não como assunto sério. Já falei com eles sobre o assunto, que eu tô querendo escolher alguma coisa de biologia ou na área de computação e eles me deram incentivo. Ela [a professora da sala de recursos] disse que assim que eu terminar a escola tenho que ir para curso de computação” (Estudante 11). O cenário se altera ao se verificar que esse assunto já foi objeto de conversa de 12 alunos com suas famílias, com destaque para três estudantes que manifestaram o apoio de seus familiares para continuarem seus estudos.

Dentre os alunos entrevistados, dez disseram que tem interesse em estudar na UnB, sendo que uma aluna disse que sua irmã e seu cunhado já estudam na instituição e que, por tal motivo, tem mais interesse em estudar lá. Uma das estudantes, com deficiência física, explicou que tem vontade de estudar na Universidade, porém, sente medo, uma vez que depende de auxílio para realização de higiene pessoal e não sabe como isso seria realizado no ambiente universitário.

Em relação aos processos seletivos para ingresso na educação superior, o mais conhecido pelos estudantes é o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem)⁵. Embora a maioria saiba que é necessário fazer uma prova de seleção, diversas foram as dúvidas

⁵ A UnB tem diversas formas de ingresso: Sistema de Seleção Unificada (SiSu), que utiliza as notas do Enem na classificação dos candidatos; o Programa de Avaliação Seriada (PAS), que consiste na realização de três provas ao final de cada um dos anos do ensino médio; e o Vestibular tradicional. Há ainda modalidades específicas como Vestibular indígena, Vestibular para licenciatura em educação do campo, Vestibular para licenciatura em Letras/Libras e seleção para Portadores de Diploma de Curso Superior.

sobre como é essa prova no que se refere ao tempo de duração, conteúdos abordados e possibilidade de atendimento diferenciado de acordo com a deficiência⁶. Também foram feitas várias perguntas sobre cotas para ingresso na universidade⁷.

Conhecendo a UnB

A visita guiada ao *campus Darcy Ribeiro* da UnB foi realizada como atividade final do projeto e planejada a partir dos questionamentos que surgiram por parte dos estudantes nas etapas anteriores de observação e entrevistas, principalmente acerca dos cursos oferecidos, forma de ingresso na instituição e sua organização.

O ponto de encontro foi a sala do PPNE. Inicialmente foram apresentadas as grandes áreas dos cursos de graduação: ciências sociais e humanas; ciências exatas e tecnologias; e ciências da saúde, assim como sua distribuição nos *campi* da UnB⁸. Em seguida, foram brevemente explicados os processos seletivos para ingresso na UnB. Visando exemplificar possibilidades de adaptação na realização das provas, a equipe do projeto mostrou provas de vestibular em Braille e tamanho ampliado, o que despertou o interesse dos visitantes.

A caminhada pelos corredores do Instituto Central de Ciências ocorreu como olhares atentos e cheios de curiosidade. Não usar uniforme, não existir sirene para avisar a mudança de horários e a possibilidade de escolha da própria grade horária foram observadas pelos estudantes de ensino médio como as principais diferenças entre a universidade e a sua escola.

A segunda parada foi na Diretoria de Esporte, Arte e Lazer (DEA), vinculada ao Decanato de Assuntos Comunitários (DAC), na qual foram apresentadas as ações existentes na área. Nesse momento, foi possível apresentar que realizar um curso de graduação vai além de cursar disciplinas, abrangendo atividades mais amplas e o desenvolvimento de outras potencialidades.

Por fim, a visita foi encerrada na Casa do Estudante Universitário (CEU), destinada à moradia de estudantes que participam dos programas da assistência estudantil da Universidade. A existência de um apartamento adaptado para pessoas com deficiência novamente expressou a possibilidade de estudantes com deficiência estudarem na instituição.

Conclusões

A partir da experiência advinda do projeto “PPNE vai à escola”, foi observado que a possibilidade de ingresso de estudantes com deficiência na educação superior ain-

⁶ Dentre as possibilidades de atendimento especializado estão adaptação de prova em Braille e tamanho ampliado, mobiliário adaptado, auxílio de leitor, auxílio no preenchimento e interpretação em Libras.

⁷ As cotas para candidatos egressos de escolas públicas, assim como as cotas sociais e cotas raciais, foram regulamentadas pela Lei nº 12.711/2012. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) previa a reserva de 10% das vagas dos processos seletivos de instituições federais e privadas de educação profissional e tecnológica, de educação, ciência e tecnologia e de educação superior para pessoas com deficiência. Entretanto, esse artigo foi vetado pela então presidente Dilma Rousseff. Em 2016, foi aprovada a Lei nº 13.409 que alterou a Lei de Cotas incluindo a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino.

⁸ Além do *campus Darcy Ribeiro*, localizado na Asa Norte, a UnB possui outros três localizados em Planaltina, Ceilândia e Gama.

da é cercada de estigmas e mitos, seja pelas dificuldades nos processos seletivos que restringem o acesso e exigem alto desempenho nas provas, seja por questionamentos acerca das habilidades e capacidades desses alunos em seguirem seus estudos com êxito e se formarem enquanto profissionais. Por essas razões, a educação superior, por vezes, não é apresentada como uma possibilidade após a conclusão do ensino médio.

Os estudantes participantes do projeto, assim como o corpo docente do CEM 01, reagiram com surpresa ao serem informados de que na UnB há alunos com deficiência. Também foi visível o desconhecimento por parte desse alunato da possibilidade de se solicitar um atendimento diferenciado na realização dos processos seletivos que contemple adaptações de acordo com a deficiência do candidato.

Entende-se que a realização do projeto relatado no presente artigo contribuiu para que a Universidade expanda seus horizontes rumo à construção de uma sociedade mais inclusiva e cidadã. Espera-se que nos próximos anos o quantitativo de discentes com deficiência seja ampliado na educação superior, assim como a garantia de acessibilidade e a transformação rumo a uma cultura inclusiva, fatos de expressariam a real inclusão das pessoas com deficiência em todos os eixos da educação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acessado em: 27 jul. 2016.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducuespecial.pdf> Acessado em: 27 jul. 2016.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal. *Perfil das pessoas com deficiência no DF*. Brasília: CODEPLAN, 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.

SOUZA, Amaralina Miranda de; SOARES, Daniele Lessa; EVENGELISTA, Glaura Borges Morais Gasparino. A Universidade de Brasília e a inclusão do aluno com necessidades educativas especiais. *Linhas críticas*. Brasília: v. 9, n. 16, jan.-jun. 2003.

VIEIRA, José Roberto Fonseca; IMPERATORI, Thaís Imperatori; RODRIGUES, Larissa Goulart. Universidade e inclusão: a experiência do Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais da Universidade de Brasília. In: ENCONTRO DAS IES INCLUSIVAS, 4, 2010, Belo Horizonte. *Anais...*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão nº 48, de 12 de setembro de 2003*. Dispõe sobre os direitos acadêmicos dos alunos regulares Portadores de Necessidades Especiais (PNEs) da UnB. Disponível em: http://www.ppne.unb.br/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=19&Itemid=20 Acessado em: 18 jul. 2016.

Sobre os Autores

Thaís Kristosch Imperatori é graduada em Serviço Social e Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre e doutora em Política Social pela UnB. Atua como assistente social da Coordenação de Apoio às Pessoas com Deficiência da Universidade de Brasília e pesquisa Serviço Social e educação, proteção social para pessoas com deficiência e educação inclusiva.

Lídia Costa de Alencar é graduada em Serviço Social pela Universidade de Brasília. Mestrado em andamento no curso de Direitos Humanos e Cidadania na UnB. Participa da pesquisa intitulada “A organização do sistema educacional inclusivo do Distrito Federal e a inclusão de estudantes com deficiência visual no ensino médio” realizada pelo LDV/UnB financiada pela FAP/DF.

Natasha Freire de Sousa Bezerra é graduada em Serviço Social pela Universidade de Brasília, realizou estágio curricular em Serviço Social no PPNE/DAC/UnB. Foi bolsista no projeto “PPNE vai à escola”.